

SAÚDE DA TRABALHADORA DOCENTE E IMPLICAÇÕES NEOLIBERAIS: UMA REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA

ODS 3, 5 e 8

Rafaela Aparecida Gonçalves da Fonseca (Universidade Federal de Itajubá)
Prof. Dr. Luiz Felipe Silva (Universidade Federal de Itajubá)
Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta (Universidade Federal de Itajubá)

Resumo

Este estudo discute a saúde da trabalhadora do docente no campo de conhecimento da saúde coletiva, em que se relaciona com as áreas da psicologia social, sociologia e educação. A literatura em destaque aponta que o trabalho docente apresenta inúmeros desafios, principalmente para as professoras, que enfrentam sobrecarga e adversidades em sua atuação profissional, o que pode resultar em sofrimentos emocionais, problemas de saúde física, além do recurso de medicamentos ou afastamento para tratar as consequências da atividade. Portanto, tem-se como objetivo compreender, por meio da revisão narrativa da literatura, o adoecimento do corpo docente, enquanto um fenômeno coletivo, sem desconsideração das causas e demandas sócio-laborais que o provocam, em vez de focar apenas no indivíduo como um corpo adoecido. No diz respeito a metodologia, efetivou-se uma revisão sobre a narrativa da literatura que trata do tema, evidenciando como o modelo econômico vigente contribui para o adoecimento biopsicossocial das docentes. Em linhas gerais, detectou-se que as dinâmicas atuais de trabalho ignoram as desigualdades de gênero e outras especificidades, agravando a invisibilização das demandas das professoras e o impacto negativo em sua saúde biopsicossocial. Em outros termos, o trabalho docente dentro do contexto sociocultural e econômico do capitalismo neoliberal prioriza o lucro e o desenvolvimento do mercado em detrimento das condições de trabalho, o que afeta particularmente as mulheres, que enfrentam uma dupla invisibilização, como trabalhadoras na educação e como mulheres em uma sociedade patriarcal.

Palavras-chave: Saúde da Trabalhadora; Trabalho Docente; Educação; Neoliberalismo.

Introdução

O trabalho docente apresenta muitos desafios, especialmente para as professoras, que frequentemente enfrentam adversidades em sua atuação profissional. Segundo Viegas (2022), além das responsabilidades esperadas da docência, devido à alta demanda de trabalho, muitas estendem suas atividades para o ambiente doméstico, conciliando o ensino com o cuidado da casa, dos filhos e de outros familiares.

Em sua análise, o autor observa que essas mulheres costumam utilizar o tempo livre para lidar com a intensidade do trabalho docente, evidenciando a sobrecarga enfrentada cotidianamente. “Para dar conta da sobrecarga de trabalho, é bastante comum as professoras utilizarem o domingo para a preparação das aulas, avaliações de trabalhos e outras tarefas da escola, o que acaba fazendo parte de sua rotina” (Viegas, 2022, p. 11).

Devido ao alto número de tarefas a serem finalizadas em um curto período de tempo, existe também a possibilidade do aumento de estresse, ansiedade, preocupações e problemas de saúde física, como dores nas costas, dores de cabeça, problemas vocais e insônia. Conforme Viegas (2022), boa parte das professoras apresenta necessidade de tomar medicação para um ou mais sintomas resultantes do esgotamento profissional.

Silva *et al.* (2023) ressaltam a importância de analisar o adoecimento enquanto coletividade, com o objetivo de compreender suas causas e demandas, permitindo uma intervenção que possa aliviar o sofrimento da classe atingida. Os autores criticam a abordagem tradicional, que tende a focar no indivíduo como um corpo doente, desconsiderando as condições sociais e laborais que contribuem para esse adoecimento.

Ao descontextualizar o indivíduo que adoece em suas condições laborais, não existe a chance de transformar as realidades que geram sofrimento. O enfoque exclusivo na medicalização dos sintomas, por exemplo, limita a capacidade dos profissionais, que passam a ser vistos apenas como pacientes a serem tratados, e não como agentes ativos que podem e devem questionar e modificar as dinâmicas que impactam sua saúde.

Além disso, Silva *et al.* (2023) destacam que os processos de adoecimento muitas vezes estão ligados à precarização das condições de trabalho e à pressão por produtividade, aspectos que afetam principalmente o magistério, marcado por muitas exigências e pouco reconhecimento. As dinâmicas de trabalho atuais, que frequentemente desconsideram as especificidades de gênero e outras desigualdades, contribuem para a invisibilização das demandas das profissionais, agravando o desgaste físico e emocional.

Ao refletir a vivência das professoras, há também a necessidade de analisar como a própria categoria percebe as dinâmicas de trabalho e seus possíveis impactos

na saúde. Faz-se necessário, portanto, considerar o sistema social e econômico no qual essa categoria está inserida. Segundo Tostes *et al.* (2018), é impossível separar o trabalho docente da estrutura social e econômica do capitalismo.

Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo relacionar a atuação da trabalhadora docente com o contexto sociocultural e econômico do neoliberalismo, cujos investimentos e foco no lucro e desenvolvimento do mercado implicam diretamente no adoecimento biopsicossocial da classe trabalhadora, em especial, das mulheres, que são invisíveis no patriarcado.

Revisão da literatura

A prática docente costuma ser tão intensa, com sobrecarga e múltiplas jornadas de trabalho, que, conforme Veigas (2022), as professoras trabalham o tempo todo. Devido às altas demandas de produtividade, precarização laboral, excesso de tarefas a serem cumpridas e pouco tempo para dar conta de tantas obrigações, que envolvem não somente o trabalho formal em si, como também o trabalho doméstico, muitas vezes destinado à figura feminina, as professoras se veem em um dilema de precisarem utilizar, por exemplo, feriados e finais de semana para conseguirem desempenhar suas obrigações.

Viegas (2022) destaca que o trabalho docente, principalmente na educação básica, é majoritariamente feminino e historicamente invisibilizado. Essa desvalorização é ainda mais observada na educação básica, na qual as condições de trabalho são mais precárias e a remuneração, ainda menor.

Diante desse cenário, torna-se essencial investigar as consequências biopsicossociais na saúde das trabalhadoras docentes, reconhecendo os impactos específicos que recaem sobre elas devido às questões de gênero. Paiva (2015) argumenta que a sociedade neoliberal reforça a exploração do trabalho docente, especialmente das mulheres, que já enfrentam discriminação de gênero por si só dentro do contexto patriarcal brasileiro.

Paiva (2015) discute como o neoliberalismo afeta o trabalho docente por meio de processos de precarização e flexibilização. Mesmo que a professora tenha qualificação, isso não garante uma inserção digna no mercado de trabalho, evidenciando as contradições capitalistas, que frequentemente desrespeita e desqualifica a classe trabalhadora. No contexto da docência, por exemplo, essas

práticas resultam em efeitos diretos na saúde dos profissionais, que enfrentam condições de trabalho cada vez mais adversas.

A prática docente, nesse cenário neoliberal, passa a ser vista como uma mercadoria. Paiva (2015) aponta que o Estado, ao investir menos na educação, precariza as condições de trabalho. A falta de investimento envolve, por exemplo, a diminuição das garantias trabalhistas, obrigando os docentes a assumirem múltiplas funções e aceitarem jornadas extensas sem reconhecimento ou remuneração adequada.

A autora aponta que essas mudanças impactam diretamente o bem-estar biopsicossocial dos docentes, que lidam com a pressão constante por resultados, a sobrecarga de trabalho e a ausência de condições adequadas para o exercício da profissão. Além disso, a desvalorização reflete os interesses neoliberais de enfraquecer os direitos da coletividade, promovendo a cultura de que o lucro é mais valorizado do que o bem-estar da classe trabalhadora.

Ademais, Paiva (2015) ressalta que um dos interesses neoliberais é justamente o incentivo às iniciativas privadas, dificultando o investimento em espaços públicos de ensino e aprendizagem e favorecendo um estilo informal, precário e sucateado da docência brasileira, que culmina em impactos tanto no cenário educacional por si só, quanto na saúde e no desempenho professoral:

No atual estágio do capitalismo, sob as diretrizes neoliberais, a educação passa à condição de mercadoria, e com o Estado investindo cada vez menos na educação superior, isso irá acarretar uma forte privatização desse setor. Com a privatização do ensino superior vamos ter um aumento significativo na quantidade de docentes, todavia, estes estarão empregados em regime de contratação precária, com condições de trabalho também precário e informal. (Paiva, 2015, p. 7)

Tostes *et al.* (2018, p. 89) definem que a escola contemporânea é voltada para “(...) conformar ideologicamente os trabalhadores à nova ordem. Assim, também o professor como transmissor do conhecimento acumulado, passa a ser menos necessário”. Com isso, entra-se em uma perspectiva neoliberal mercadológica, em que a professora, observada como mera transmissora de conhecimento, pode ser passível de substituição a qualquer momento.

Leda (2006) analisa que a dominação capitalista neoliberal no trabalho impõe ameaças constantes aos trabalhadores, como o risco de desemprego, a redução salarial, preocupações, medos, desamparo e incertezas. Esses fatores criam um

ambiente de insegurança e instabilidade que impacta diretamente a saúde mental e física dos profissionais.

No contexto do trabalho docente, essas condições são observadas em um cenário repleto de desconfortos que podem agravar o adoecimento biopsicossocial. A pressão constante, a falta de valorização e o estresse associado ao ambiente escolar são alguns dos elementos que contribuem para o adoecer.

Acerca da saúde física e mental, Tostes *et al.* (2018) identificaram que o adoecimento mental é a principal preocupação entre os docentes. A docência pode gerar altos níveis de depressão, ansiedade e estresse, condições que costumam levar ao afastamento do trabalho e uso frequente de medicamentos. No aspecto físico, foram destacadas doenças osteomusculares, como tendinites e lombalgias, além de problemas otorrinolaringológicos.

No aspecto mental, a prevalência de sofrimento psíquico, como em transtornos de depressão e ansiedade, é particularmente importante de ser analisada, sendo essas as principais causas apontadas para o afastamento e comprometimento da saúde mental dos professores.

A valorização do trabalho é mínima, enquanto a cobrança para a produtividade continua em constante crescimento. Devido aos desgastes, o trabalho professoral é condicionado aos sofrimentos eminentes da lógica capitalista:

Enquanto a valorização dos professores diminui, cresce a cobrança para que a escola cumpra funções antes legadas a outras instituições sociais, como a família. O professor vem assumindo uma gama de funções, além daquelas tradicionalmente conferidas à especificidade de seu trabalho, sendo, ao mesmo tempo, desqualificado e sobrecarregado. (TOSTES *et al.*, 2018, p. 89)

Tostes *et al.* (2018) destacam que as professoras são as mais afetadas pelo adoecimento psíquico, principalmente em função de questões de gênero e das condições de trabalho. O estudo aponta que fatores como desigualdade, grande número de alunos por turma, hábito de levar trabalho para casa, a atuação no ensino fundamental e a presença de outras doenças prévias estão significativamente relacionados ao sofrimento mental entre as docentes.

Essas condições criam um ambiente de trabalho ainda mais desafiador para as mulheres, que enfrentam maior sobrecarga física e emocional. As professoras, além de lidar com as demandas típicas da profissão, muitas vezes acumulam responsabilidades adicionais fora da escola, o que agrava o quadro de adoecimento.

Neves, Brito e Muniz (2019) abordam a relação existente entre as questões de

gênero e a divisão sexual do trabalho, ressaltando como esses aspectos influenciam o processo da feminização do magistério. Segundo os autores, essa feminização não ocorre apenas pelo interesse das mulheres na profissão, mas também pela forma como o trabalho docente é socialmente caracterizado como "feminino".

Essa percepção está ligada à ideia de que a profissão permite que as mulheres utilizem habilidades e comportamentos que, vistos como inatos, não são reconhecidos como qualificações profissionais. Comportamentos como dedicação, paciência, afetuosidade, carinho e altruísmo, que são culturalmente associados ao papel das mulheres na sociedade e considerados essenciais na educação infantil, são observados como "naturais" e não como ferramentas de trabalho.

Além dos problemas físicos, os autores destacam o adoecimento psíquico entre as professoras, com relatos frequentes de desânimo, frustração, fadiga, depressão, desamparo, angústia e até mesmo sensação de enlouquecimento. Esses problemas emocionais refletem o impacto de um ambiente de trabalho marcado pela sobrecarga, falta de apoio e reconhecimento, e exigências constantes que vão além das atribuições formais do ensino.

Há necessidade de repensar as políticas e práticas educacionais para melhorar as condições de trabalho das professoras, reconhecendo suas habilidades como qualificações profissionais e promovendo um ambiente de trabalho mais saudável e valorizado. A reestruturação das condições laborais podem incluir medidas de apoio à saúde física e mental das docentes, além de ações que questionem as normas de gênero, do patriarcado e do neoliberalismo, que perpetuam a desvalorização do professorado feminino.

Louro (2003) discute, no Brasil, a entrada e predominância das mulheres nesse campo se intensificou à medida que a sociedade começou a aceitar e reforçar a presença feminina na educação, promovendo a docência como uma extensão das responsabilidades tradicionalmente atribuídas às mulheres, como o cuidado e a educação das crianças. Esse processo de feminização foi moldado por uma série de transformações que atrelaram o trabalho docente com habilidades socialmente associadas ao feminino.

Na lógica capitalista, há o benefício de transformar "habilidades sociais femininas" em trabalho, já que, dessa forma, é possível camuflar a importância do reconhecimento dessas funções como dignas de valorização social e financeira. Ou

seja, ao invisibilizar a mulher, invisibiliza-se também o “trabalho associado ao feminino”, como é a docência:

Professores e professoras — como qualquer outro grupo social — foram e são objeto de representações. Assim, ao longo do tempo, alinham-se determinadas características, apelam-se para alguns recursos para falar deles e delas. Essas representações não são, contudo, meras descrições que “refletem” as práticas desses sujeitos; elas são, de fato, descrições que os “constituem”, que os “produzem”. (Louro, 2003, p. 99)

Dessa forma, ao focar na produtividade, no lucro e no crescimento do mercado, o sistema capitalista patriarcal colabora para a manutenção da desvalorização da mulher enquanto indivíduo e também da professora docente, enquanto figura essencial para o desenvolvimento da educação. Há o sucateamento da profissão e o desgaste coletivo da classe, que se torna suscetível aos mais diversos problemas de saúde físicos e mentais.

Santos e Silva (2022) analisam a relação entre o sentido da vida, a saúde mental e a docência, argumentando que uma vida significativa, caracterizada por sentimentos de realização e congruência, está associada a uma melhor saúde física e mental, além de uma maior satisfação no trabalho. Para as autoras, compreender como os professores percebem sua própria categoria é essencial para desenvolver estratégias eficazes de enfrentamento ao adoecimento no contexto educacional.

As autoras sugerem que encontrar significado no trabalho docente pode ser fator de proteção contra o adoecimento, através da sensação de ter um propósito. Essa perspectiva é importante, pois o trabalho vai além da simples transmissão de conhecimentos, envolvendo também a formação cidadã, crítica e reflexiva dos indivíduos.

De acordo com as autoras, quando não há um sentido da vida diretamente observado para a atuação docente, ou seja, quando a atuação não é congruente com aquilo que o indivíduo está realizando ou vivenciando, há maior índice de prejuízo à saúde, como casos de estresse e burnout. Entretanto, quando há sentido na atuação profissional, há também o aumento do bem-estar psicológico e da sensação de satisfação, o que promove a qualidade da saúde mental.

Assim, pode-se pensar que, inseridas em uma sociedade capitalista e patriarcal que constantemente atua na desvalorização da mulher enquanto indivíduo e enquanto profissional docente, além do baixo reconhecimento financeiro da profissão e das

demais demandas atribuídas à classe trabalhadora, a saúde da trabalhadora docente corre riscos frequentes, estando passíveis ao adoecimento.

Método

A presente pesquisa foi elaborada a partir da revisão narrativa de literatura, sendo uma abordagem qualitativa, que, conforme Rother (2007) é considerada uma investigação apropriada para contextualizar o desenvolvimento de determinado assunto, sendo constituída, principalmente, da análise de conteúdos científicos envolvendo livros, artigos de revistas científicas, teses e dissertações, envolvendo a interpretação e a análise crítica do pesquisador.

Esse tipo de investigação, de acordo com a autora, não prevê critérios rígidos de análise, como seleção minuciosa, descritiva e detalhada dos dados encontrados de forma a fornecer respostas quantitativas para perguntas específicas, entretanto, é importante para a educação continuada, já que possibilita a atualização do conhecimento de determinada temática em um curto período de tempo.

Botelho *et al.* (2011) consideram que a revisão narrativa, também chamada de revisão bibliográfica tradicional de literatura, visa a busca de um assunto específico em acervos científicos, sendo principalmente utilizados por pesquisadores dos campos da saúde e da educação, para desenvolver conhecimento crítico e reflexivo sobre determinado tema.

Os autores apontam que a revisão narrativa de literatura possui o objetivo de ser uma análise, do ponto de vista teórico-conceitual, sobre algum assunto específico, envolvendo a interpretação e a análise crítica pessoal do investigador. Portanto, não tem o intuito de responder à uma pergunta específica ou utilizar métodos sistemáticos, mas sim, estabelecer conteúdo teórico e crítico, possível de fomentar maiores discussões sobre a temática.

Dessa forma, ao estabelecer uma análise sobre a saúde da trabalhadora docente e as implicações neoliberais, a presente revisão narrativa tem como intuito trazer luz ao tema, fazendo uma reflexão crítica a partir de um ponto de vista que pode fomentar demais investigações científicas.

Ressalta-se também que essa investigação é proveniente de um dos capítulos da dissertação da autora, cujo objetivo envolve o estudo de professoras aposentadas

na educação básica, a partir do viés da saúde biopsicossocial e do envelhecimento feminino, considerando o ambiente neoliberal em que essa amostra está inserida.

Resultados e Discussão

A prática docente, no cenário capitalista neoliberal, é vista como uma mercadoria e a falta de interesse no investimento na educação precariza ainda mais o trabalho das professoras. Essa precarização afeta diretamente a saúde biopsicossocial das docentes, que se veem obrigadas a equilibrar as pressões do trabalho com as demandas pessoais, sem o suporte necessário. Assim, as professoras se tornam alvo de um sistema que desqualifica suas habilidades e ignora o impacto das condições laborais em sua saúde.

Paiva (2015) argumenta que a sociedade neoliberal contribui para a exploração do trabalho docente por meio da flexibilização e precarização das condições laborais. A falta de investimento estatal na educação e a lógica do mercado que prioriza o lucro resultam em menores garantias trabalhistas, obrigando as professoras a assumirem múltiplas funções com jornadas extensas e pouca valorização. O neoliberalismo reforça a exploração, principalmente das mulheres, que já enfrentam discriminação de gênero no contexto patriarcal brasileiro.

A rotina intensa, demarcada por muitas cobranças e pouco reconhecimento, segundo Viegas (2022) é responsável por um aumento significativo de estresse, ansiedade, burnout, depressão e problemas de saúde como insônia, dores nas costas, problemas vocais e entre outros. A exaustão, nesse sentido, leva muitas professoras a adoecerem, precisarem se afastar do trabalho ou até mesmo utilizarem medicamentos para lidar com os sintomas do esgotamento.

Silva *et al.* (2023) destacam a importância de analisar o adoecimento docente como uma questão coletiva, enquanto classe trabalhadora, desmistificando o olhar apenas para o indivíduo. Os autores consideram necessário fazer uma crítica às investigações que descontextualizam o adoecimento e focam somente na medicalização do sintoma, sem considerar as condições laborais e sociais que contribuem para o sofrimento das professoras, já que isso impede justamente a transformação das realidades que causam o adoecer.

Louro (2003) analisa o processo histórico de feminização da docência no Brasil, que se intensificou à medida que a sociedade passou a reforçar a presença feminina

na educação, já que começou a observar a docência enquanto prática que envolvia “comportamentos femininos”. Foi então promovida como uma extensão das responsabilidades tradicionalmente atribuídas às mulheres, como o cuidado e a educação das crianças. Essa visão moldou o campo educacional, atrelando o trabalho docente às habilidades socialmente associadas ao feminino.

No contexto capitalista, essa associação é benéfica para a manutenção da exploração laboral, pois transforma “habilidades sociais femininas” em trabalho formal sem o devido reconhecimento. A invisibilização das mulheres na docência contribui para a desvalorização de seu trabalho, que é tratado como algo inerente e não digno de valorização social e financeira.

Assim, a desqualificação do trabalho docente é afetado por uma lógica que minimiza a importância das funções educativas desempenhadas pelas mulheres, sendo responsável também por suas consequências e impactos biopsicossociais, como na saúde física e mental, manutenção e qualidade da educação brasileira.

Considerações Finais

O presente artigo teve a pretensão de abrir um debate sobre a saúde da trabalhadora docente, considerando os aspectos socioculturais e econômicos do neoliberalismo brasileiro, a fim de elucidar maiores investigações sobre o tema e dar visibilidade às pesquisas que envolvam recortes de gênero, a fim de erradicar os estigmas sociais promovidos pela cultura patriarcal.

As considerações da investigação enfatizam que o trabalho docente, em especial, voltado à atuação feminina, é repleto de desafios e desgastes, envolvendo altas demandas, precarização do trabalho e pouca remuneração. Ademais, ao desconsiderar a sobrecarga biopsicossocial do trabalho doméstico, que muitas vezes é atrelado à figura feminina, mulheres continuam se desdobrando na vã tentativa de dar conta de todas as obrigações.

O cenário neoliberal tem pretensão de valorizar o lucro e o enriquecimento do mercado, mesmo que isso signifique desqualificar, desvalorizar e sucatear a classe trabalhadora, nesse caso, em especial, a docência. Dessa forma, professoras sofrem impactos na saúde, sendo afetadas por somatizações físicas e emocionais, que acarretam na medicalização, afastamento ou diminuição da qualidade da ocupação.

A observação do adoecer pode ser vista através do viés individual, na busca pelo sentido e pela congruência na atuação profissional, a fim de encontrar realização e mecanismos que possibilitem a promoção de saúde, o bem-estar e a prevenção de doenças, mas preza-se também pela análise coletiva, enquanto classe trabalhadora, para que seja possível mudar o sistema que adocece a trabalhadora.

Na revisão narrativa de literatura, observou-se que há mais pesquisas nessa área, envolvendo questões como atuação docente na pandemia; educação on-line, impactos do trabalho doméstico na saúde da trabalhadora e demais temas que são igualmente necessários e relevantes, que não foram citados ou apenas brevemente explorados nessa investigação, que merecem maior atenção e discussão.

Com isso, uma das conclusões é que o trabalho docente precisa ser analisado amplamente, especialmente enquanto coletivo, ressaltando os recortes de gênero e as consequências biopsicossociais para a atuação profissional, bem como o desenvolvimento da educação no Brasil, que constantemente sofre com o sucateamento e o descaso das premissas neoliberais.

Referências

BOTELHO, L. L. *et al.* O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, 2011, v. 5, n. 11. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v26n1/v26n1a06.pdf>. Acesso em 10 set. 2024.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade E Educação Uma perspectiva Pós-Estruturalista**, 2003.

LEDA, D. B. Trabalho docente no ensino superior sob o contexto das relações sociais capitalistas. In: João dos Reis Silva Jr.; João Ferreira de Oliveira; Deise Mancebo. (Org.). **Reforma Universitária: dimensões e perspectivas**. 1 ed. Campinas: Alínea, 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT11-1979--Int.pdf>. Acesso 11 de set. 2024.

NEVES, Mary Yale Rodrigues; BRITO, Jussara Cruz; MUNIZ, Hélder Pordeus. A saúde das professoras, os contornos de gênero e o trabalho no Ensino Fundamental. **Cadernos de Saúde Pública [online]**. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00189617>. Acesso em 09 set. 2024.

PAIVA, J. Z. S. O trabalho docente no contexto capitalista. **Encontro de Políticas Públicas para a Pan-Amazônia e Caribe**. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: <https://epppac.com.br/wp-content/uploads/2021/07/34-O-TRABALHO-DOCENTE-NO-CONTEXTO-CAPITALISTA.pdf>. Acesso em 10 set. 2024.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem** [online]. 2007, v. 20, n. 2. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/#ModalArticles>. Acesso em 8 set. 2024.

SANTOS, K. A. D.; SILVA, J. P. Sentido de vida e saúde mental em professores: Uma revisão integrativa. **Revista da SPAGESP**, 23(1), 131-145. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v23n1/v23n1a11.pdf>. Acesso em 08 set. 2024.

SILVA, J. C. da *et al.* SAÚDE MENTAL, ADOECIMENTO E TRABALHO DOCENTE. **Psicologia Escolar e Educacional** [online]. 2023, v. 27. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-242262> <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-242262-T>. Acesso 08 set. 2024.

TOSTES, M. V. *et al.* Sofrimento mental de professores do ensino público. **Saúde Debate**, v. 42, n.116, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/wjgHn3PzTfsT5mQ4K8JcPbd/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 09 set. 2024.

VIEGAS, M. F. Trabalhando todo o tempo: sobrecarga e intensificação no trabalho de professoras da educação básica. **Educação e Pesquisa** [online]. 2022, v. 48. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248244193>. Acesso em 12 set. 2024